

Entrevista realizada no dia 16/01/2024 ao professor Alexandre César Grandi Cid e autorizada para publicação 06/03/2024.

Pessoa 1: Pesquisador Célio Moacir

Pessoa 2: Professor Alexandre Cid

Pessoa 2 Eu ingressei na Universidade Federal do Espírito Santo em 1967 no curso de licenciatura de matemática. Formei em 1970. Em 1970, eu fui para a Alegre, onde nós fundamos o curso de Agronomia a Escola de Agronomia do Espírito Santo, chamada ESAES, que era uma escola do governo estadual. Essa escola, em 1974, se tornou centro agropecuário da Universidade Federal do Espírito Santo. Passou a se chamar CAUFS. Hoje, parece que é um centro de ciencias agrárias hoje, ela está virando uma universidade também, que já tem mais de 20 cursos.

Pessoa 1 Uma universidade, pode-se dizer.

Pessoa 2 E aí, em 1985, eu me mudei para Vitória para o Centro Pedagógico. No Centro Pedagógico, eu comecei a fazer trabalhos de didática para lecionar didática da matemática para alunos que iriam se formar em matemática.

Pessoa 1 O senhor me conta um pouquinho dessa vinda sua, saindo de Alegre e vindo para Vitória. Foi tranquilo?

Pessoa 2 Não, essa vinda foi meio traumática, porque eu estava numa lista para sêxtupla para diretor Eu era diretor em exercício por ser o professor mais antigo do centro.

Pessoa 1 Isso lá em Alegre? Em Alegre.

Pessoa 2 E aí, estava terminando o mandato e eu estava numa lista sexta para diretor. Mas, um professor que estava na mesma lista achava que eu seria o diretor e fez uma carta anônima me esculhambando e eu me aborreci e pedi transferência para Vitórias, pedi para sair dali. Quando ele fosse o diretor, eu seria o vice dele.

Pessoa 1 Então, tinha essa questão política lá?

Pessoa 2 Muito, é. Eu não sou político, não tenho envolvimento com política, então, eu preferi me desligar e fui para Vitória. Em Vitória, eu fui diretor de uma fundação, Ceciliano Abel de Almeida, e, ao mesmo tempo, me transferi para o centro pedagógico no departamento de didática. E, no departamento de didática, eu lecionava didática de matemática e didática pessoal de física. E cheguei a lecionar também didática para alunos de biologia, porque eram didáticos mais ou menos práticas.

Pessoa 1 Entendi. E quanto tempo o senhor ficou lecionando essa disciplina de didática? O senhor chegou lá em 1985.

Pessoa 2 Fiquei de 1985 até me aposentar em 1999. Fiquei mais de dez anos lá.

Pessoa 1 Mais de dez anos, né?

Pessoa 2 E aí, lecionava didática e prática de ensino de matemática. Matemática.

Pessoa 1 matemática. Matemática. Prática de ensino de matemática. É.

Pessoa 2 Então, foi muito bom que eu tive a oportunidade de criar um laboratório de matemática e participei depois da fundação do centro de estudos matemáticos na Vitória, e parece até que existe ainda hoje.

Pessoa 1 Entendeu? E o senhor, por exemplo, lá em Alegre, o senhor dava aula de que disciplina? Dava aula

Pessoa 2 Dava aula de matemática e era coordenador de curso.

Pessoa 1 Coordenador de curso.

Pessoa 2 Coordenador e orientador, porque era o único que tinha formação pedagógica. Então, nesse tempo que eu estive lá, eu fazia programação com os professores e ajudava os professores a preparar aulas, porque eles não tinham a mínima noção de como se dá uma aula.

Pessoa 1 Sim. Então, essa vinda do senhor para a Vitória, dando aula de didática, então não foi complicado, porque o senhor já tinha essa experiência, né? Não, eu já

Pessoa 2 Não, eu já tinha bastante experiência. Eu estudava muito, né?

Pessoa 1 E a formação do senhor era em matemática, né? Era

Pessoa 2 Era em matemática. Eu tive didática de matemática com a professora Niceia Moreira Bussinger

Pessoa 1 Bussinger?

Pessoa 2 Mas aí eu comecei a me preparar mais no ensino de didática para matemática. Eu tinha uma bibliografia muito grande, inclusive produção de material prático, material concreto para ensino de matemática. Vários educadores aí, Piaget, Montessori, tinha um francês que eu esqueci o nome agora. E eu produzi, todo esse material eu produzi, devo ter produzido há algum tempo.

Pessoa 1 Sim, sim. O senhor ficava sempre atento a esses...

Pessoa 2 Ah, estava sempre aí.

Pessoa 1 Essas leituras.

Pessoa 2 Esses congressos. Eu tinha muito material legal. E um bocado doe para umas escolinhas aí. E eu tenho um bocado, que eu falei para você que está aí.

Pessoa 1 O senhor achando, o senhor me fale, que eu venho aqui pegar, hein? Se eu tiver um tempo, claro que a gente sabe dar. Eu Eu

Pessoa 2 Eu tenho que uma hora dar uma organizada ali.

[00:05:42] Pessoa 1 Sim, sim, sim. Sim, sim.

Pessoa 2 Ali em cima eu tenho, que eu dei muito material.

Pessoa 1 É só me falar que eu venho.

Pessoa 2 Eu dei muito material ali para uma escolinha que tinha aqui na frente. E para o colégio lá de Meaípe também eu dei muito material. Livros de didáticas, livros de práticas de ensino, de matemática. Ih, rapaz, muita coisa boa.

Pessoa 1 Que bacana.

Pessoa 2 Eu, modéstia a parte, tinha uma biblioteca muito boa.

Pessoa 1 E aí, a atuação do senhor lá no departamento, o senhor também levava esses cursos fora da universidade? Sim.

Pessoa 2 Nós fazíamos treinamento de professores. Nós fomos em São Mateus, nós fomos em Linhares, nós fomos em Aracruz, nós fomos em Anchieta. Nós íamos para várias cidades dando treinamento pessoal. Eu na parte de prática de ensino, didática de matemática, os outros professores nas outras áreas de interesse deles. Era um curso preparado pela universidade ou então pela Fundação Siciliano. Então, nós demos curso em São Mateus, porque lá tinha uma colégio que era da Petrobras,

Pessoa 2 Em Linhares, nós demos em Aracruz, pela prefeitura. Era o prefeito Guerino, não sei.

Pessoa 1 Na época, né?

Pessoa 2 Anchieta, nós demos.

Pessoa 1 Isso na década de 90, né?

Pessoa 2 Isso em 90. Em Vitória, nós demos para a prefeitura. Então, nós demos vários cursos de treinamento para esse pessoal. Foi legal.

Pessoa 1 Todos eram professores de matemática.

Pessoa 2 Eram professores do colégio da Rede Pública.

Pessoa 1 Da Rede Pública.

Pessoa 2 Tinha o pessoal de particular ... mais a maioria que a gente trabalhava era pessoal da rede pública, e a dificuldade deles sempre foi matemática.

Pessoa 1 Sim, sim.

Pessoa 2 Porque o professor da Rede Pública, ele pega várias séries, várias

disciplinas. Tem aquelas salas de aula que você dá aula para duas, três turmas ao mesmo tempo.

Pessoa 1 Multisseriadas.

[00:07:52] Pessoa 2 É. Era complicado. E eles tinham dificuldade, pô. A maior dificuldade deles era nas disciplinas de ciências também.

Pessoa 1 Sim.

Pessoa 2 Então, matemática, biologia, eles tinham dificuldade nisso. Então, a gente dava esses cursos, que melhoraram bastante. Foi bastante útil para eles.

Pessoa 1 Entendi. Deixa eu perguntar para o senhor. O senhor falou que dava aula para o curso de didática na UFES de matemática. Mas que o senhor também chegou a dar aula de didática também para turmas de física e biologia.

Pessoa 2 Porque o que acontecia? O que acontecia? As turmas de física eram turmas pequenas. Formava muito pouco aluno na licenciatura de física. Era dois, três alunos. Então, a gente praticamente até se fundia com o pessoal da didática da matemática. Porque ele pegava os fundamentos comuns e aí as práticas a gente preparava para cada um e acompanhava as aulas nos colégios. Mais era bem complicado...

Pessoa 1 Sim, sim.

Pessoa 2 A gente ia acompanhar a aula deles nos colégios. A gente conseguia com os colégios públicos aí que eles preparassem aulas e dessem aulas.

Pessoa 1 Faziam estágio para os colégios.

Pessoa 2 Faziam os estágios e a gente acompanhava. Foi muito bom nesse sentido. E o pessoal de biologia, quando o departamento tinha dificuldade professor de didática, eu supria. Eu dava essa parte didática. Era um pouco difícil para mim porque você dá a didática, você tem que ter também um domínio da matéria, né? ... então sou formado em Matemática e fui para o Departamento de Educação para dar aula de Didática, ... tinha semestre que dava aula para outros cursos, tinha que me preparar muito, pois não me sentia confortável em trabalhar fora do curso de Matemática, hum ... era bem complicado

Pessoa 1 Sim, sim. Seria o ideal, né?

Pessoa 2 Matemática física para mim não tinha problema.

Pessoa 1 Não tinha problema. Mas o problema era a biologia, por exemplo.

Pessoa 2 Tinha aquela parte didática geral. Era uma coisa. Mas na hora que você tentava fazer

Pessoa 1 Uma coisa mais específica,

Pessoa 2 Já era mais complicado, entendeu? Mas a gente recorria aos professores e no

final dava tudo certo.

Pessoa 1 Entendi. Então, aí tinha essa questão, né? Do senhor, mesmo o senhor com a sua formação em matemática, o senhor dava aula para a turma específica de matemática, mas havia essa necessidade de trabalhar também com turmas de outras áreas também, né?

Pessoa 2 Porque no departamento de didática, você que é professor do departamento, você é escalado para dar aula, entendeu?

Pessoa 1 Na verdade, você não é professor nem da área, você é professor do departamento.

Pessoa 2 Do departamento.

Pessoa 1 Independente de qual a área.

Pessoa 2 No departamento, você vai dar aula hoje para tal turma. E aí ele procurava mandar você dar aula daquele assunto que você já tinha, que no caso era didática.

Pessoa 1 Entendi.

Pessoa 2 Então ia dar aula de didática, mas para esse pessoal, ou matemática, ou física, ou pessoal de biologia.

Pessoa 1 Entendi. Eram

Pessoa 2 Eram os três que não tinha ninguém também que tivesse domínio, só tinha o domínio do geral.

Pessoa 1 Do geral.

Pessoa 2 A didática geral, mas a didática...

Pessoa 1 Específica.

Pessoa 2 Específica não tinha.

Pessoa 1 Então tinha essa dificuldade aí, né?

Pessoa 2 É, então o professor de didática era ele que ia dar, entendeu? Então é assim que funcionava.

Pessoa 1 E o senhor acha importante, por exemplo, porque a gente tem autores aí, eu mesmo trabalho com na minha pesquisa, que é o D'Amore, é um francês. Ele fala que o professor, para trabalhar a didática, ele tem que ter um meio termo, que ele não pode ser nem tanto generalista. Por exemplo, o senhor vai trabalhar didática da biologia, como o senhor deu o exemplo, mas como o senhor bem falou e o senhor já fazia isso naquela época, o senhor procurava conhecer um pouco da área. E esse autor fala justamente isso. Ele fala que mesmo você não sendo da área específica, mas o senhor tem que procurar conhecer até para o senhor poder dar exemplos daquela área, entendeu? Então ele tratava disso. E

naquela época o senhor já fazia isso. Você já estava preocupado com isso.

Pessoa 2 Eu tinha interesse, porque eu via a dificuldade dos alunos aprenderem. Então eu fiquei procurando a forma com que eles entendessem. E eu nunca me conformei de um indivíduo não aprender matemática, se tudo na vida do estudante tem matemática.

Pessoa 1 Exatamente.

Pessoa 2 Então não tem porquê. Então isso aí foi uma dificuldade que foi criada pelos professores. Então, na realidade, não era o aluno que não entendia. Era o professor que não entendia, que não tinha formação

Pessoa 1 E transferir isso para o aluno.

Pessoa 2 Eu fui estudando matemática, porque os professores de matemática eram todos advogados. Eu não entendia porque que era. Depois que eu fui entender, como não existia professor de matemática, o governo preparava cursos preparatórios para a pessoa ensinar aquelas disciplinas que não informavam professores, que eram matemática, física, química, biologia. Então eles davam um curso que era chamado na época...

Pessoa 1 O curso da Cades.

Pessoa 2 Curso de aperfeiçoamento de docente do ensino secundário.

Pessoa 1 Secundário, exatamente. Foi na década de 50, 60...

Pessoa 2 Quem é que podia fazer esse curso? Eram aquelas pessoas que tinham formação superior.

Pessoa 1 Qualquer formação superior.

Pessoa 2 Se a pessoa tivesse um diploma de formação superior, ele podia fazer esse curso, que era curso de três meses, mais ou menos. E nessa época, a maior incidência era de pessoas formadas em faculdade de direito. Porque não tinha emprego. Por isso que a maioria dos professores

Pessoa 1 Eram advogados.

Pessoa 2 E até hoje. Eu tive vários professores já. Carrareto, professor... Quem era o outro? A maioria deles eram professores de matemática. Porque não tinha emprego na época.

Pessoa 1 Isso eu estou lembrando na época que você estava no ensino secundário em Vitória.

Pessoa 2 Desde Minas. Eu tive um professor em Minas, que era advogado. E depois vim para Vitória e peguei vários professores que eram advogados.

Pessoa 1 Sim, sim.

Pessoa 2 E eles já tinham feito esse curso. E depois acabou esse curso e formaram...

Não sei se era PREMEM...

Pessoa 2 Depois o governo começou a criar um monte de cursos.

Pessoa 1 O que eu lembro é que eu fiz as leituras que estava muito em foco nessa época que eu fiz, que é a CADES mesmo. Depois de outros... Não, mas teve outros.

Pessoa 2 Eu quero lembrar o que eu queria dizer.

Pessoa 1 Essa sigla.

Pessoa 2 Isso tomou conta. Tomou conta. E aí o governo deu um incentivo e o pessoal deixou de fazer faculdade para fazer PREMEM.

Pessoa 1 Entendeu?

Pessoa 2 Porque eles com seis meses já recebiam

Pessoa 1 O título para ser professor. Entendi. PREMEM.

Pessoa 2 Quer ver se aqui fala.

Pessoa 1 E aí...

Pessoa 2 Era uma dificuldade que a gente tinha. A gente que ia ser licenciado enfrentar esse negócio. Puxa vida, PREMEM. O que quer dizer PREMEM?

Pessoa 1 PREMEM.

Pessoa 2 E o governo deixou pesado isso aí.

Pessoa 1 Ele tinha a obrigação de suprir essa carência de professores. E aí ele começou justamente a fazer isso. Esses cursos rápidos. Para estar suprimindo essa necessidade. Tanto é que no Espírito Santo, se o senhor notar, a primeira graduação em matemática, o próprio estado já começou tardio nisso. A primeira graduação em matemática foi em 1965. Programa de expansão e melhoria do ensino.

Pessoa 2 E aí a agência norte - americana... Tudo tinha agência norte-americana fazendo Fazendo

Pessoa 1 Fazendo o negócio.

Pessoa 2 Para o desenvolvimento internacional. O

Pessoa 1 Um órgão internacional que ajudava a implementar o. PREMEM. Vou procurar ler um pouco também sobre isso.

Pessoa 2 Isso aí... Isso aí importou. Todas as escolas criaram em alegria. Pegavam os colégios de ensino de 1º e 2º grau. E eles davam incentivo e formavam o pessoal lá dentro. E aí a pessoa já saía com o empreguinho. Isso aí funcionou há muito tempo.

Pessoa 1 Lá em alegria tinha.

Pessoa 2 Eles faziam melhorias, criavam salas.

Pessoa 1 Igual eu falei, justamente isso. A gente fazendo a leitura da história, da própria educação do Espírito Santo. Por exemplo, em comparação aos estados. O Rio, por exemplo. A primeira licenciatura deles... O próprio Rio começou a primeira licenciatura na década de 30. O Espírito Santo foi na década de 60. O Espírito Santo foi na década de 60. Olha o atraso. 30 anos de atraso. Não tinha realmente professores de matemática. Os que tinham vinham de fora. É igual o caso da professora Nicéa. A professora Nicéa se formou no Rio. Inclusive encontrei um documento, encontrei um jornal com o nome dela para colar grau em 48, lá no Rio. Exatamente. Ela colou grau em 48 no curso de matemática e veio para o Espírito Santo. Porque os professores que eram formados realmente em licenciatura, vinham de fora.

Pessoa 2 Bom, o Rio foi a capital da República, por isso, não é mesmo? Tudo de bom e melhor tinha lá. Meu pai, por exemplo, estudou no Pedro II.

Pessoa 1 Hum... Que é um colégio renomado.

Pessoa 2 Então, era assim que funcionava o negócio. Então, o Espírito Santo, nesse ponto, ele era... O Espírito Santo não tinha política, né? Então, por aqui...

Pessoa 1 A questão da educação era sempre deixada de lado.

Pessoa 2 Rapaz, a educação nunca teve... Você vai no interior aí, o cargo de professor é o prefeito que coloca. Você não tem o que fazer, vai ser professor. É assim que funciona.

Pessoa 1 Infelizmente, é isso mesmo.

Pessoa 2 Então, eu, quando estava em Alegre, que foi feita a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras lá, vinham os professores fazer o curso de licenciatura em matemática, vinham das cidades implementar a sua formação, ou tinha escola normal, era normalista.

Pessoa 1 Da Redondeza.

Pessoa 2 É... Guaçuí, São José do Calçado, Bom Jesus,

Pessoa 1 Castelo...

Pessoa 2 Eram professores, já pessoas idosas, que não tinham nenhuma formação.

Pessoa 1 Entendi.

Pessoa 2 Eles eram professores porque foram colocados lá. Sabia alguma coisinha de alguma coisa, então passou a ser educador.

Pessoa 2 Então, eu tinha alunos lá, senhoras com 60, 70 anos. E formaram, né?

Pessoa 1 E formaram.

Pessoa 2 Porque eles precisavam formar.

Pessoa 1 Entendi.

Pessoa 2 Hoje a faculdade está até grande, a Faculdade de Filosofia de Alegre. Entendeu? Tem vários cursos lá. Mas começou com cursos de matemática e pedagogia. Uma faculdade que começou com quatro cursos cresceu bastante, hoje tem até pós-graduação.

Pessoa 2 Eram esses quatro cursos. Que eram cursos que eram fáceis de gerenciar.

Pessoa 1 Também não necessitava muito recurso, né?

Pessoa 2 Não tinha laboratório, a biblioteca já era

Pessoa 1 O suficiente.

Pessoa 2 Então, o mais puxado lá era o curso de licenciatura em matemática. O resto, eles falavam que tinha menos cálculo.

Pessoa 1 Entendi.

Pessoa 2 Aí depois que começou a primeira turma de matemática que formou em 1970.

Pessoa 1 Lá em Alegre.

Pessoa 2 Não, em Vitória.

[essoa 1 Vitória. Realmente que ela começou em 65.

Pessoa 2 Foi em 65. A minha segunda turma se formou junto com a primeira.

Pessoa 1 Entendeu? Porque o curso já não era reconhecido.

Pessoa 2 Foi ser reconhecido, eu acho, na minha turma.

Pessoa 1 O senhor foi da segunda turma?

Pessoa 2 Segunda turma. A primeira turma formaram seis pessoas, eu acho...

Pessoa 2 Valdemar, Anduma, Taciano, acabou não se formando porque perdeu a matéria e foi formar com a minha turma.

Pessoa 1 Luiz Henrique Penedo, Moreto,

Pessoa 2 E mais um outro lá que eu não lembro.

Pessoa 2 Era uma turma pequena. A minha turma acho que já foram 20.

Pessoa 1 Já aumentou bastante. Em comparação à primeira.

Pessoa 2 Hoje eu não sei quem está formando porque com aquele departamento de matemática lá não forma ninguém.

Pessoa 2 É uma dificuldade. Mas aí começou a melhorar o ensino. Hoje o ensino matemático está até legal. Entendeu? Porque o professor já tem melhor formação.

Pessoa 1 Sim. Inclusive, igual estou falando com o senhor, eu estou indo lá fazer pedagogia justamente até para melhorar a minha prática também. Eu me preocupo muito com a minha prática, com a maneira que os meus alunos estão saindo. Eu dou aula para a terceira série do médio. Os alunos já no final do ciclo ali. E eu me preocupo muito como é que esses alunos estão saindo. O seu ensino é o que? Matemática. Sou formado em matemática. Formei no Rio, na UFRRJ. Entendeu? E a minha preocupação é justamente com a minha prática mesmo. Como é que eu posso estar melhorando para estar ensinando.

Pessoa 2 Aqui nós somos muito educadores. Quando a gente fazia o curso, nós trazíamos o pessoal do IMPA.

Pessoa 2 Vários vieram aí dar curso para a gente.

Pessoa 1 O senhor sempre procurou estar atento e participar de congressos, de eventos.

Pessoa 2 Claro, tinha que participar e

Pessoa 2 Ver os livros. Os livros que eles usavam. Os novos materiais. Para poder estar levando para a sala e aplicando com os alunos.

Pessoa 2 Com isso aí, nós fizemos um laboratório e lá no departamento, no centro pedagógico, eles tinham muitos materiais para prática com os alunos na sala de aula. Isso na década de 1970, com Mirta.

Pessoa 1 Um curso

Pessoa 2 Que criava vídeo. Então nós fizemos alguns vídeos. Eu nem sei para onde foi esses vídeos.

Pessoa 1 Que bacana. No departamento lá.

Pessoa 2 No centro pedagógico. Era um departamento de Didática e Prática. Ele tinha criação de vídeo.

Pessoa 1 Tinha uma sala específica para isso. Os filmadores lá, os caras.

Pessoa 2 Eles faziam, editavam. Eu fiz alguns

Pessoa 1 Vídeos. Que bacana.

Pessoa 2 Dando aula de matemática com os alunos. Isso ficou por lá.

Pessoa 1 Isso para a época era uma coisa muito moderna.

Pessoa 2 Em 1990, alguma coisa assim

[00:24:45] Pessoa 1 Sim, sim.

Pessoa 2 Então, eu procurei. Sem muita modéstia, o meu curso foi muito bom. O pessoal gostava porque eles aprendiam da aula. Então até hoje, tem aluno que chega aí e diz que aprendia muito com o senhor. Que bom. Primeiro que eu tinha uma didática muito boa. Eu preparava bem minhas aulas. Sabia usar um quadro. Que é outro problema. O professor não sabe usar quadro.

Pessoa 1 Certo

Pessoa 2 Então tinha uma apresentação legal. Uma ordenação. E aquilo ali, o aluno vai aprendendo.

[00:25:25] Pessoa 1 Certo

Pessoa 2 Capítulo 1, aí botava lá o que era. Descrevia tudo.

Pessoa 1 Descrevia os objetivos primeiro. A finalidade da aula.

Pessoa 2 Aí o pessoal tinha gosto. Entendeu?

Pessoa 1 Então,

Pessoa 2 Essas aulas eram boas. Muito boas. Eu me realizei com o professor. Não tenho que reclamar, não. Eu fiz tudo com muita dedicação.

Pessoa 1 Isso deixou um legado bacana.

Pessoa 2 Os meus alunos de agronomia, quando aparecem, que tempo bom. Eles me convidam para me dar o título, depois de formado. Porque na época, o professor Cid era o temor deles. Eu tinha um amigo lá que todo ano ele era homenageado. Era para mim. Eu nunca fiz nada disso.

Pessoa 1 Porque o senhor era rigoroso.

Pessoa 2 E esse camarada dava churrasco. E eu não tinha isso. Então, rapaz, a minha aula, o cara ia para lá para estudar mesmo.

[00:26:41] Pessoa 1 Certo

Pessoa 2 Entendeu? Independente disso, eu ajudava o aluno. Eu sentia... Eu tive um aluno que eu empurrei para ele passar. Eu senti e depois fui descobrir. Fui descobrir agora um dia desse. Que o aluno não enxergava.

Pessoa 1 Então...

Pessoa 2 Entendeu?

Pessoa 1 O senhor está falando que na época o senhor era bem rígido na aula.

Pessoa 2 Pois é. Então, eu nunca fui chamado para esses troços de paraninfo de turma. Por quê? Porque eu ia para dar aula. Rapaz, eu dava aula de terno. Entendeu? Eu acho que você tem que ter uma postura que imponha para o aluno. Aí começou o Departamento de Matemática e Física da UFES, começaram a escolher o ensino. Porque eles iam dar aula de chinelo, cabeludo, cabelo que cai embaixo, amarrado com fitinha, aquela roupa de andar na praia, jogar, sei lá qual é aquilo. Era assim que eles davam a aula. Então, o aluno olhava aquilo ali e aquilo não representava.

Pessoa 1 Certo

Pessoa 2 Entendeu? Você vê que na Inglaterra até hoje o camarada dá aula, os alunos vão até com aquele chapéuzinho.

Pessoa 2 E aquilo ali, rapaz, faz parte da educação. Eu tinha aluno que ele chegava lá e dizia, rapaz, você amanhã vai ser um doutor, rapaz. Você está vindo para cá de chinelo, andando, arrastando esse troço cabeludo. Você tem que ter uma apresentação. Isso conta. Você pode achar que não, mas conta. A pessoa olha isso. Esse cara vai dar aula de quê, com esse leitão aí? Aí, pô, fica aí, eles pregam a esculhambação. A universidade hoje está esculhambada. A universidade, rapaz, é um lugar de aprendizagem onde você ia para aprender, ensinar e ter educação. Porra, aquilo lá virou zona, porra. A universidade acabou. Você chega naquele diretório, rapaz, só dá sacanagem. Não tem. Ninguém tem mais respeito por nada.

Pessoa 1 Na época,

Pessoa 2 Eu ainda fui numa época que a gente ainda tinha alguma... Entendeu? Então, você tinha que dar aula, você tinha, era respeitado. Eu chegava lá, eu comecei a dar aula porque o que acontecia? Na época que eu comecei a dar aula, em 70, 71, os alunos saíam do ensino médio e entravam na universidade, eles já entravam com aquela ideia de que na universidade tudo pode. Então, eles entravam, aí saía sempre. Você está entendendo? Na sala de aula do ensino médio, você tem que sair na hora do recreio e tal. Depois que você entra na universidade, você vai ao banheiro, você vai fumar, você fica naquela... Entendeu? O aluno sentava, botava o pé na carteira, comigo eu nunca fiz isso, não.

Pessoa 1 Eu disse, não, não.

Pessoa 2 Aqui você vai sentar direitinho. Camisa desabotoada até embaixo? Não. O dia que eu entrar assim, você vai entrar assim. Na minha aula, não.

Pessoa 1 Entendo...

Pessoa 2 Pô, você tem que ter o mínimo de respeito, pô. E aí, alguns seguiram isso e outros se deram muito bem. Outros que foram para a Galega, entendeu? Então, esse aluno,

eu não esqueci o nome dele, Arnaldo Ornel. Esse rapaz, ele nunca faltou a uma aula, mas o rapaz não entrava. Aí a gente procurava... Eu também... Eu não fiquei preocupado só em dar matéria, não. Eu fiquei preocupado em saber por que você não está aprendendo, pô. Entendeu? Eu disse, pô, tem um troço errado. Aí nós descobrimos que ele tinha uma deficiência visual, mas não sabia que era tanto.

Pessoa 1 Até naquela época, descobrir isso já era difícil, né?

Pessoa 2 Aí, rapaz, o cara sentava na primeira carteira, aí alguém descobriu que ele tinha mais de 10 de grau de... Entendeu? Aí houve um outro que eu dei um empurrão nesse camarada. Ele hoje é membro do governo, não sei.

Pessoa 2 Ele um dia chegou na sala e começou a chorar. Mano, professor, infelizmente eu sou de uma classe não privilegiada, mas isso não é novidade, porque eu também não sou.

Pessoa 1 Entendo...

Pessoa 2 Mas a minha mãe é não sei o que, meu pai é não sei o que lá, a gente não tem como estudar e tal.

Pessoa 2 Gente ia conversando e tal. A gente sempre podia dar um empurrãozinho,

Pessoa 2 Se você ficar segurando muito, parece que você cria um problema. Entendeu? Tem hora que o cara faz uma vez, duas, três, você tem que dar um jeito de facilitar para o camarada deslanchar, porque às vezes, pô, você vê.

Pessoa 1 O limite dele às vezes é aquilo ali, né?

Pessoa 1 Certo

Pessoa 2 Então, rapaz, e na época que eu fui estudante, que eu fui professor, a gente não tinha noção desse negócio de autista

Pessoa 1 Que tem hoje.

Pessoa 2 Deve ter passado muitos alunos autistas comigo sem eu saber.

Pessoa 1 Para diagnosticar na época era difícilimo. Hoje já é mais fácil.

Pessoa 2 Porque, rapaz, eu tive aluno que hoje eu vejo que esse aluno é brilhante. Eu fico pensando que esse cara devia ter uma dificuldade lá. Sabe qual é o problema do autista? É que você não tem informação suficiente para ele. Ele se retrai. Não é porque ele não sabe, não. É porque ele sabe mais do que você. Então, o seu papo não interessa a ele. Entendeu? E a gente não tinha isso. Entendeu? Hoje, a minha neta estava estudando em São Paulo. Aí, chegou aqui. O professor do velho lá. Aí, ela chegou aqui e estava estudando em um colégio que é muito bom, rapaz. Acho que é o Primeiro Mundo. É um que tem em Vila Velha.

Pessoa 1 O Primeiro Mundo é excelente.

Pessoa 2 Aí, os professores reuniram com o meu filho e com a minha nora e disseram, olha, sua filha está com dificuldade de aprendizagem. Descobriu que a menina tinha

Pessoa 2 Um desenvolvimento mais lento. Então, eles...

Pessoa 2 Ela foi procurada por um psicólogo e eles dão aula pra ela em caráter diferente. No dia da prova, ela faz uma sala separada, porque você leva uma hora, ela leva duas.

Pessoa 2 Você está vendo até isso. A escola percebeu e...

Pessoa 2 Então, você tem que estar atento. Porque, às vezes, o aluno não está acompanhando, mas é porque o ritmo dele não é o mesmo do seu. E a escola tem feito isso. Ela está indo bem. Entendeu? A outra miudinha, é o capeta. Mas, pô, é a dificuldade que a pessoa tem. De repente, tem aqui, daqui a pouco, deslancha. Então, essas coisas aqui, a gente não tinha.

Pessoa 2 Tinha uma coisa que eu implantei na época que era uma avaliação. Então era feito uma série de perguntas.

Pessoa 1 É... O aluno está avaliando o professor.

Pessoa 2 Como é que é o professor?

Pessoa 1 Ele sabe da aula?

Pessoa 2 Qual é a dificuldade dele?

Pessoa 1 E não havia isso, né? Não havia esse tipo de avaliação. Não, não.

Pessoa 2 Aí, eles respondiam, eu pegava aquilo, fazia uma triagem dos resultados e reunia o professor aqui, ó. Estão achando a sua dificuldade...

Pessoa 1 Penso que os professores não estavam preparados para receber críticas.

Pessoa 2 Os alunos falavam, pô. O professor não sabe da aula. Ele não sabe mesmo. Eu via lá, eu comecei a substituir o professor lá, porque, pô, o aluno não queria ele dando aula,

Pessoa 1 Melhor, né?

Pessoa 2 Mas, pô, era uma dificuldade muito grande. O pessoal não sabia da aula. E com essa avaliação, eles começaram a ter mais cuidado. Eu devo ter isso em algum canto também. O tipo de avaliação que eu fazia.

Pessoa 1 Certo

Pessoa 2 E com isso as aulas foram melhorando,a gente vai... Mas, eu fiz muita coisa bacana.

Pessoa 1 Sim, sim.